

“

A Primeira Frase

*Pai, perdoa-lhes, pois não sabem
o que estão fazendo!*

A Segunda Frase

*Com toda a certeza te garanto:
Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso!*

A Terceira Frase

Mulher, eis aí teu filho! Eis aí a tua mãe!

A Quarta Frase

*Meu Deus, meu Deus!
Por que me abandonaste?*

A Quinta Frase

Tenho sede!

A Sexta Frase

Está consumado!

A Sétima Frase

*Pai! Em tuas mãos entrego
o meu espírito.*


”



ALTA LIFE

EDITORA

www.altabooks.com.br

 /altabooks

 /altabooks

POR JON MEACHAM

*A Esperança da Glória: Reflexões sobre as Últimas Palavras de
Jesus na Cruz*

The Soul of America: The Battle for Our Better Angels

*Destiny and Power: The American Odyssey of George Herbert
Walker Bush*

Thomas Jefferson: The Art of Power

American Lion: Andrew Jackson in the White House

*American Gospel: God, the Founding Fathers, and the Making of a
Nation*

Franklin and Winston: An Intimate Portrait of an Epic Friendship

*Voices in Our Blood: America's Best on the Civil Rights Movement
(editor)*

A ESPERANÇA DA GLÓRIA

REFLEXÕES SOBRE AS ÚLTIMAS
PALAVRAS DE JESUS NA CRUZ

Jon Meacham



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

A compra deste conteúdo não prevê o atendimento e fornecimento de suporte técnico operacional, instalação ou configuração do sistema de leitor de ebooks. Em alguns casos, e dependendo da plataforma, o suporte poderá ser obtido com o fabricante do equipamento e/ou loja de comércio de ebooks.

A Esperança da Glória

Copyright © 2021 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli. ISBN: 978-65-5520-358-5

Translated from original The Hope of Glory. Copyright © 2020 by Merewether LLC. ISBN 9780593236666. This translation is published and sold by permission of Convergent Books, an imprint of Random House, a division of Penguin Random House LLC, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2021 by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Publique seu livro com a Alta Books. Para mais informações envie um e-mail para autoria@altabooks.com.br

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada. Para mais informações, fale com projetos@altabooks.com.br

Erratas e arquivos de apoio: No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial

Editora Alta Books

Gerência Editorial

Anderson Vieira

Gerência Comercial

Daniele Fonseca

Produtor Editorial

Thiê Alves

Marketing Editorial

Lívia Carvalho

marketing@altabooks.com.br

Coordenação de Eventos

Viviane Paiva

eventos@altabooks.com.br

Editor de Aquisição

José Rugeri

j.rugeri@altabooks.com.br

Ouvidoria

ouvidoria@altabooks.com.br

Equipe Editorial

Ian Verçosa

Illysabelle Trajano

Luana Goulart

Maria de Lourdes Borges

Raquel Porto

Thales Silva

Equipe de Design

Larissa Lima

Marcelli Ferreira

Paulo Gomes

Equipe Comercial

Daiana Costa

Daniel Leal

Kaique Luiz

Tairone Oliveira

Vanessa Leite

Tradução

Rafael Fontes

Copidesque

Carolina Gaio

Revisão Gramatical

Camila Paduan

Kamila Wozniak

Capa

Larissa Lima

Adaptação para formato e-Book

Joyce Matos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M479e Meacham, Jon

A Esperança da Glória: Reflexões sobre as Últimas Palavras de Jesus na Cruz / Jon Meacham ; traduzido por Rafael Fontes. - Rio de Janeiro : Alta Books, 2021.

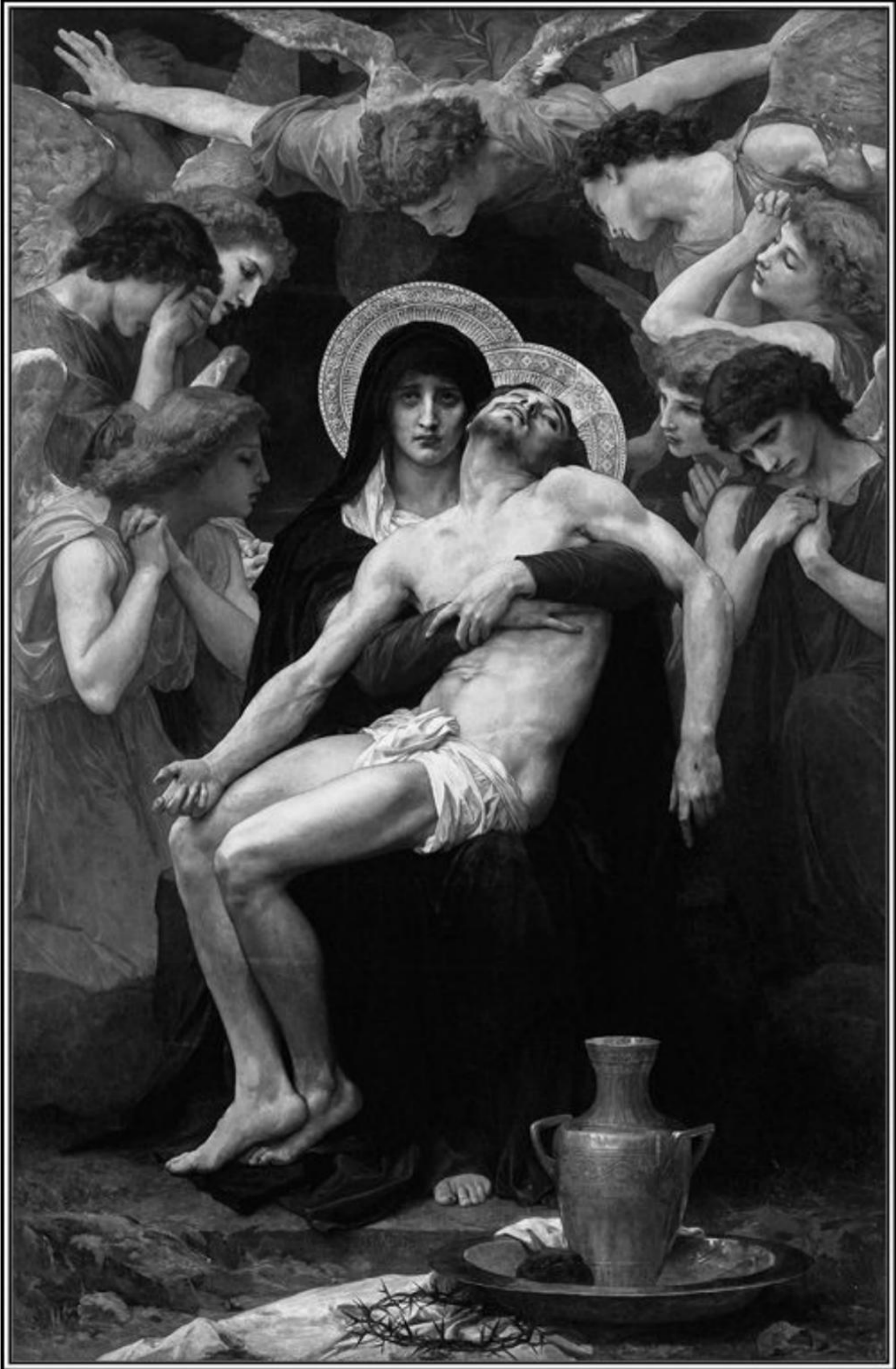
Tradução de: The Hope of Glory - ISBN: 978-65-5520-358-5 [Ebook]

1. Literatura cristã. I. Fontes, Rafael. II. Título.

2021-1059

CDD 242
CDU 244

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
www.facebook.com/altabooks — www.instagram.com/altabooks



EM MEMÓRIA DE

*John Sharp Strang (1918–2003) e Herbert Stephenson Wentz
(1934–2015)*

E, como de costume, para Mary, Maggie e Sam

*Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então,
eremos face a face.*

— PRIMEIRA CARTA DE PAULO AOS CORÍNTIOS

*É muito melhor aceitar ensinamentos com razão e sabedoria do que pela
simples fé.*

— ORIGEM DE ALEXANDRIA

SOBRE O AUTOR

Jon Meacham é biógrafo vencedor do Prêmio Pulitzer. Autor dos best-sellers do *New York Times* *American Gospel: God, the Founding Fathers, and the Making of a Nation*; *Thomas Jefferson: The Art of Power*; *American Lion: Andrew Jackson in the White House*; *Franklin and Winston: An Intimate Portrait of an Epic Friendship*; *Destiny and Power: The American Odyssey of George Herbert Walker Bush*; e *The Soul of America: The Battle for Our Better Angels*, Meacham ocupa a cátedra Carolyn T. e Robert M. Rogers de Presidência Americana como professor visitante da Universidade Vanderbilt. Formado pela Universidade do Sul, é ex-membro da paróquia St. Thomas Church Fifth Avenue e da Trinity Church Wall Street e foi premiado pela Liga Antidifamação com o Hubert H. Humphrey First Amendment Freedoms. Escritor colaborador do *New York Times Book Review*, editor colaborador da revista *Time* e membro da Sociedade Americana de Historiadores, Meacham vive em Nashville com sua esposa e seus filhos.

AGRADECIMENTOS

Essas meditações foram pensadas, inicialmente, para serem lidas na St. Thomas Church Fifth Avenue, na Sexta-feira Santa de 2013, a convite do Reverendo Andrew C. Mead, DD, OBE. A paróquia de St. Thomas foi o amado refúgio da minha família por quinze anos na cidade de Nova York. Andrew é um amigo com o qual aprendi muito, e sou grato por seus ensinamentos e bondade. Minha esposa e eu também somos gratos ao Reverendo Robert H. Stafford, a Richard Somerset-Ward, e ao falecido Cônego John G. B. Andrew, por sua amizade inestimável na St. Thomas.

Também sou grato pelos convites para falar em diversos púlpitos ao longo dos anos, experiências que me permitiram trabalhar nos temas que abordo neste livro: Igreja St. John, Lafayette Square, Washington, D.C.; Trinity Church Wall Street; Capela All Saints, Sewanee, Tennessee; Igreja Episcopal St. Paul, Chattanooga; Igreja Episcopal St. Martin, Houston; Catedral Nacional de Washington; Seminário Teológico Nashotah House, Nashotah, Wisconsin; Igreja Episcopal St. Ann, Kennebunkport; e Igreja Episcopal St. George, Nashville, paróquia da minha família; e pelas oportunidades que tive de falar na Liga Antidifamação, em Nova York, Washington, e em todos os outros lugares do país. Preciso agradecer a Luis Leon, James Cooper, Joel Cunningham, Tom Macfie, Hunter Huckabay, Russell Levenson, Randolph Hollerith, Peter Cheney, Leigh Spruill e ao presidente da Liga Antidifamação, Abraham Foxman, pela hospitalidade nessas ocasiões.

Para este projeto, vasculhei diversos textos antigos do *New York Times Book Review*, *Newsweek*, da *Time* e do *Washington Post*.

Sou grato aos meus editores e aos colegas envolvidos em cada publicação pela generosidade, pelo apoio e pela disposição de dedicar seu precioso tempo e seus recursos para me auxiliar.

Há muito tempo tenho a sorte de receber a generosidade dos conselhos acadêmicos de Paula Fredriksen, professora emérita de Escrituras da Universidade de Boston; e de N. T. Wright, professor pesquisador do Novo Testamento e Cristianismo Primitivo do St. Mary's College, da Universidade de St. Andrews, na Escócia, e ex-bispo anglicano de Durham, Inglaterra. Eles foram gentis e, ao me aconselharem sobre estas meditações, atenciosos. Obviamente, nada do que eu tenha escrito necessariamente reflete a opinião deles, mas estou em dívida por seus trabalhos inestimáveis e sua presença reconfortante.

Como disse em outra ocasião, devo muito do meu interesse inicial por teologia e história ao falecido professor doutor Reverendo Herbert S. Wentz, da Universidade do Sul. A atenção de Herbert na clareza, na precisão e na integridade mental ao escrever sobre religião — e sobre todos os assuntos — é o ideal no qual me inspiro. Tenho certeza de que fracassei algumas vezes, e o farei novamente. Mas se consegui chegar até aqui, foi por causa de Herbert e da companhia de professores inestimáveis: Dale Richardson, John Reishman, Pamela Macfie, Robert Benson, Charles Perry e Samuel Williamson, e dos falecidos Eric Naylor, Douglas Paschall, Joseph Cushman, Charles Binnicker e Willie Cocke. Também estou em dívida com o Reverendíssimo John M. Allin, VI Bispo do Mississippi e XXIII Bispo Primaz da Igreja Episcopal, e John Strang, que me ensinou sobre a Bíblia na sétima série, na Escola McCallie. Conhecido carinhosamente como “Yo”, Sr. Strang tinha uma pergunta bônus favorita: “Quem estava indo para Damasco, e para onde Saulo estava indo?” Dói-me dizer que nem todos de nós entendiam de primeira, mas Yo continuava a perguntar, personificando, como era sua vontade, a promessa do evangelho de rendição e restauração.

Meu obrigado a Jay Wellons e a Brock Kidd, amigos que leram os primeiros rascunhos deste livro. Merrill Fabry brilhantemente revisou o manuscrito. Na Random House, minha editora há duas décadas, sou grato a Gina Centrello, Kate Medina, Bill Takes, Porscha

Burke, Tina Constable, Campbell Wharton, Keren Baltzer, Dennis Ambrose, Carole Lowenstein, Carol Poticny, Cynthia Lasky, Todd Berman, Lori Addicott, Rebecca Berlant, Jessica Bright, Daniel Cristensen, Andrea DeWerd, Benjamin Dreyer, Michael Harney, Cindy Murray, Joe Perez, Minhee Bae, Paolo Pepe, Sandra Sjursen e Stacey Witcraft.

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

A PRIMEIRA FRASE: Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo!

A SEGUNDA FRASE: “Com toda a certeza te garanto: Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso!”

A TERCEIRA FRASE: Mulher, eis aí teu filho! Eis aí a tua mãe!

A QUARTA FRASE: Meu Deus, Meu Deus! Por que me abandonaste?

A QUINTA FRASE: Tenho sede!

A SEXTA FRASE: Está consumado!

A SÉTIMA FRASE: Pai! Em tuas mãos entrego o meu espírito.

EPÍLOGO

NOTAS

REFERÊNCIAS

ILUSTRAÇÕES



PRÓLOGO

No Princípio

Nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios [...]. Mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes.

— PRIMEIRA CARTA DE PAULO AOS CORÍNTIOS

Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo.

— JESUS DE NAZARÉ, EVANGELHO DE JOÃO

FOI APENAS UM BREVE MOMENTO, uma pequena, aparentemente simples, provocação no meio da interpelação mais importante da história. No Evangelho de João, Jesus de Nazaré é preso e levado até Pôncio Pilatos, o governador Romano da Judeia. “Logo tu és rei?”¹ Pilatos questiona, e Jesus responde: “Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.” Então, no que imagino ter sido de um modo cínico, desdenhoso, Pilatos questiona: “Que é a verdade?”²

Qual é a verdade, de fato? Jesus não diz nada em resposta, e a pergunta de Pilatos fica em aberto — uma incógnita na interpretação da Paixão segundo João. A procura por uma resposta ecoa até hoje, a fome pela verdade — sobre o visível e o invisível, o visto e o não visto, o desejado e o temido — é um dos aperitivos mais fundamentais.

E a busca perene por uma resposta a Pilatos tende a assumir uma forma religiosa. “Todos os homens precisam da ajuda dos deuses”³, escreveu Homero, e nada, desde a antiguidade — nem a Revolução Científica, nem o Iluminismo, nem Darwin, nem *o que quer que fosse* —, alterou o impulso dos seres humanos de contar histórias e criar sistemas de crença que se apoiam no passado, moldam o presente e prometem um futuro de justiça, misericórdia e paz.

“Deuses”, escreveu o teólogo protestante Paul Tillich em meados do século XX, “são seres que transcendem, em poder e significado, o domínio da experiência comum e com os quais os seres humanos mantêm relações que ultrapassam, em intensidade e alcance, as relações comuns.”⁴

Para os Cristãos, a verdade principal da existência — nosso objetivo definitivo, parafraseando Tillich — é revelada na morte e ressurreição de Jesus. Sem a Sexta-feira Santa, não há Páscoa; sem a Páscoa, não há libertação do mal; sem libertação do mal, não há vitória da luz sobre as trevas, do amor sobre o ódio, da vida sobre a morte.

Ainda assim, essa vitória é a essência radical, revolucionária, da promessa do Cristianismo — uma promessa revelada a nós na Paixão de Cristo. O trabalho de compreender — ou, dependendo do seu ponto de vista, *atribuir* — o significado da Sexta-feira Santa e da história do túmulo vazio é um processo tão teológico quanto histórico, como foi a construção da fé que moldou, e molda, a vida de bilhões de fiéis.

Eu sou uma dessas pessoas, e este livro é uma série de reflexões⁵ sobre as Últimas Frases de Jesus na cruz — palavras ditas em uma remota, porém, em termos simbólicos, próxima tarde de Sexta-feira. É um trabalho devocional, não acadêmico. Sou adepto do episcopalismo, criado e educado na fé, e eu ficaria de coração partido se meus filhos se afastassem da igreja na qual cresci. Entretanto, de nenhum modo sou evangélico, pois não compartilho da visão de que só a fé em Jesus é o único caminho para a salvação, nem estou determinado a converter outros a respeito do meu ponto de vista. “Não me causa dano que meu vizinho diga que existem vinte deuses ou deus nenhum”⁶, disse Thomas Jefferson. “Também não rouba minha carteira nem quebra minha perna.” Em um sermão, John Leland — pastor Batista de Virgínia e Massachusetts entre o século XVIII e o XIX — certa vez observou: “A experiência nos diz que homens igualmente sábios e bons podem divergir na política, assim como em opiniões teológicas e matemáticas.”⁷ Cerca de 1.400 anos antes, no século IV, o orador romano Symmachus, discutindo com Cristãos que queriam remover o altar da deidade pagã Vitória, disse: “Não podemos observar um mistério tão grande de um único ângulo.”⁸ Eu concordo.

Então, no que eu acredito? Sou adepto das linhas gerais da fé cristã presentes na tradição anglicana. Sigo as crenças, confesso meus (muitos) pecados, comungo e rezo. E acredito que, diante disso, assumo minha parte em um drama no qual o objetivo definitivo não consigo — e possivelmente nunca conseguirei — entender totalmente, mas no qual invisto minhas esperanças de que um dia, de algum modo, tudo fará sentido.

Adendo importante: embora este livro tenha começado como uma série de sermões — que são, por definição, conversas sobre assuntos religiosos —, ele aborda iluminação, não conversão. Compartilho estas meditações com a esperança de que um senso histórico e teológico ajude os leitores a compreenderem melhor a presença da cruz em um mundo tão voltado ao ceticismo hostil, à aceitação cega ou à indiferença. Na Bíblia hebraica, no meio de tanto sofrimento, Jó mostrou uma enorme fé: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.”⁹ Se Jó pode *saber*, então nós podemos ao menos *ter esperança*.

No cerne das minhas esperanças está a crença de que o Deus de Abraão (que também acredito que é Deus, o Pai na Santíssima Trindade) é o arquiteto de uma criação que caiu em decadência e se corrompeu. A redenção dessa criação começou na Paixão, crucificação, e ressurreição de um pastor e realizador de milagres na Judeia do século I. Na tradição em que fui criado, esse pastor foi um grande mestre da moral: seu Sermão da Montanha e suas mensagens, enraizadas nas escrituras de Israel, sobre o papel central do amor podem ser vistos como guias para a bondade e a generosidade. Ele não perdurou, entretanto, por oferecer uma mensagem radical sobre amor nos recônditos de um mundo dominado pelos romanos. Ele perdurou não somente pelo que *disse*, mas por ser quem *era* — nas palavras de Pedro: “O Cristo, o Filho do Deus vivo.”¹⁰ O fundamento da fé no Cristianismo é que Jesus era de fato o “Cristo” — em Grego, o “ungido” —, que morreu e se levantou para redimir e recuperar um mundo corrompido que renascerá, e que João, o Evangelista, chamou de “novo céu e nova terra”¹¹. *Esse* é o significado da confissão de Pedro — e o que o Cristianismo quer dizer quando proclama Jesus

como Senhor e prenuncia o seu retorno, mesmo que não se tenha certeza de quando isso ocorrerá.

Independentemente de alguém acreditar ou não, ou, como muitos, estar em algum lugar no meio do caminho, oscilando de um polo a outro e retornando (de novo, e de novo), é necessário prestar atenção. “Jesus significa algo para nosso mundo porque uma poderosa força espiritual jorra Dele e flui também através de nosso tempo”¹², Albert Schweitzer escreveu em *A Busca do Jesus Histórico*. “Este fato não pode ser abafado nem confirmado por nenhuma descoberta histórica. Isto é o sólido fundamento do Cristianismo.”

O novelista e biógrafo inglês A. N. Wilson abordou o assunto assim: “O fato estranho é que a figura de Jesus persiste, mesmo em um mundo onde o Cristianismo institucional parece estar mal das pernas, e onde a própria crença religiosa, pelo menos no Ocidente, parece declinar rapidamente. Jesus é uma figura historicamente sombria, mas ele permanece obstinadamente ali, e [...] permanecemos cientes dele, não como uma presença mística, nem também como uma mera lenda. Ele é mais real que o Robin Hood ou o Rei Arthur.”¹³

A missão de Jesus, como definiu Paulo¹⁴, foi vista como parte da história de Israel, a manifestação (talvez de modo inesperado) da promessa que Deus fez a Abraão em Gênesis. “Eis que farei de ti um grande povo: Eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; serás tu uma bênção”, disse o Senhor a Abrão — depois renomeado como Abraão, ou “pai de muitas nações” — “Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei aquele que te amaldiçoar. Por teu intermédio abençoarei todos os povos sobre a face da terra.”¹⁵

Daí surge a familiar frase “segundo as Escrituras”, que demonstra a adesão dos autores do Novo Testamento à sua interpretação única do primeiro século a respeito das escrituras existentes sobre a saga do cativo de Israel e a esperança de restauração. “Porquanto, o que primeiramente vos transmiti foi o que também recebi”, escreveu Paulo na Primeira Carta aos Coríntios, “que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia [...] e apareceu a Pedro e depois aos Doze”¹⁶. O que tudo isso significa? “Porque Deus amou o mundo de tal maneira”, escreveu

João, “que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”¹⁷

Na visão cristã de mundo, a cura em larga escala das criaturas de Deus, e de sua criação, é a obra redentora de um Cristo crucificado e ressuscitado. Para simplificar um assunto extremamente complexo, a ideia que surgiu nos primeiros séculos depois de Cristo foi a de que o mundo, nas garras do mal desde a expulsão do Éden, demandava um sacrifício incomensurável, única forma de resgatar a criação das trevas, do desejo e da cobiça. Essa corrente *teológica* é baseada em um fato *histórico*: Jesus foi crucificado e morreu. Então, no terceiro dia — no domingo de manhã —, algumas de suas discípulas encontraram sua tumba vazia, e seus seguidores logo passaram a acreditar que o Cristo ressuscitado caminhava entre eles. O entendimento de tal cosmologia como verdade tem sido uma ferramenta na luta para atravessar um mundo trágico e desgastante de injustiça, dor e morte. “O escudo da fé”¹⁸, proclama a Carta aos Efésios, “com o qual podereis apagar todas as setas inflamadas do Maligno.”

Por que o Senhor Deus dos Exércitos precisaria fazer algo para redimir sua própria criação é um mistério para nós, assim como o motivo *pelo qual* Ele criaria um mundo, para início de conversa, e, ao tê-lo criado, *por que* o povoaria com seres humanos cujo livre-arbítrio os levaria ao pecado e ao sofrimento. Deus, disse o notável rabino Abraham Joshua Heschel em 1967: “Não facilitou que tivéssemos fé n’Ele, que nos mantivéssemos fiéis a Ele. *Esta é a nossa tragédia*: a insegurança da fé, o peso insuportável do nosso comprometimento. Os fatos que negam o divino são poderosos, afinal; os argumentos dos agnósticos são eloquentes, os eventos que O desafiam são espetaculares [...] Nossa fé é frágil, nunca imune ao erro, à distorção ou à decepção. Não existem provas definitivas da existência de Deus, Pai e Criador de tudo. Existem apenas testemunhas. Supremos entre eles estão os profetas de Israel.”¹⁹ E, para nossos propósitos, os autores do Novo Testamento.

Todos somos, de certo modo, como os filósofos gregos que foram até Paulo em Atenas, procurando clareza na mensagem do Cristianismo. “Podes revelar-nos que nova doutrina é essa sobre a

qual dissertas?”, questionaram-no no Areópago. “Pois estás nos apresentando pensamentos estranhos, e desejamos compreender o significado de tais ideias.” O apóstolo, então, pregou o evangelho, dizendo que Deus, por meio de Jesus: “Julgará o mundo com o rigor de sua justiça, por meio do homem que para isso estabeleceu. E, quanto a isso, Ele deu provas a todos, ao ressuscitá-lo dentre os mortos.’ Entretanto, alguns deles, assim que ouviram falar da ressurreição dos mortos, começaram a dizer zombarias, e outros, ainda, exclamavam: ‘Sobre esse assunto te daremos ouvidos em uma outra oportunidade.’”²⁰ Alguns ainda zombavam; outros, em vez disso, resolveram ouvi-lo.

Para mim, usar a reflexão para desdenhar da fé é tão autodestrutivo quanto usá-la para desdenhar do papel da mente no mundo como um todo e nas grandes religiões. O fato de não podermos saber de tudo não significa que não possamos saber de algo. Conforme Paulo, o fiel deve reconhecer que, por enquanto, “enxergamos apenas um reflexo obscuro”. Conforme Shakespeare, o laico deve lembrar que, como Hamlet mencionou a Horácio: “Há mais coisas entre o céu e a terra [...] do que sonha a nossa vã filosofia.”²¹ A humildade é, em muitos sentidos, o princípio da sabedoria. “O último passo da razão é o reconhecimento de que há um número infinito de coisas além dela”, escreveu o matemático Blaise Pascal no século XVII. “É simplesmente estúpido não reconhecer isso. Se as coisas naturais estão além, o que poderíamos dizer das sobrenaturais?”²²

Para o crente consciente, então, não há nada mais certo do que a realidade da incerteza, nada mais natural do que a dúvida, que é talvez trinta segundos mais jovem que a própria fé. (E mesmo essa aproximação dá à fé uma vantagem considerável.) “Pois nosso conhecimento é incompleto”, escreveu Paulo, “e a nossa profecia é incompleta.”²³ Vivemos mais no crepúsculo do que na claridade. Tanto os crentes fundamentalistas quanto os ateus fundamentalistas se dariam melhor, creio eu, se reconhecessem que a literalidade é reconfortante, mas é potencialmente perigosa, pois a aceitação acrítica de uma ou de outra visão de mundo (seja na religião, seja na política) encerra mais ideias do que as viabiliza. A luz não pode emanar de uma mente fechada, ou sequer entrar nela. E, apesar de